

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Ano : 2012

Título : A Menina e o facebook

Categoria: Crônicas

Descrição: Crônica produzida a partir de uma situação familiar, que tem objetivo didático.

A menina e o Facebook

A menina de oito anos estava louca por uma página no Facebook e usou o domingo para pedi-la. Os pais, temerosos, argumentaram sobre a necessidade de se ter dezoito anos, sobre a possibilidade de invasão de desconhecidos, sobre o tempo que seria dispensado à página todos os dias e a menina, filha única, insistiu e argumentou também. Disse ter amigos com face, disse ter saudades das tias e tios e que aceitaria as restrições que lhe seriam impostas.

A elaboração da página pela mãe foi acompanhada com ansiedade, a postagem de fotos nem se fala, mas, a chegada de convites de amizade causaram-lhe um frenesi. Foram gastas duas horas para que tudo começasse a funcionar e para que a menina conseguisse entender o funcionamento da coisa. Aí começou tudo...

Face funcionando, menina excitada, pais preocupados e, como não poderia deixar de ser, começou o estabelecimento de regras: 1) não pode aceitar ninguém sem supervisão; 2) entrar na página sem tomar café, escovar os dentes, arrumar os cabelos, trocar de roupa e ter as tarefas escolares prontas, nem pensar; 3) em dia de sol tem que brincar lá fora; e,4) comportar-se com educação e respeito com todas as pessoas com que entrar em contato, como se fosse ao vivo.

A sanção para o não cumprimento das regras: fechamento imediato da página de relacionamento. Acostumada com regras e com o cumprimento delas, a menina aceitou tudo e, relutante, foi dormir. A vontade dela seria continuar conversando com seu primo, mas o horário de dormir – regra anterior – havia chegado.

Na manhã seguinte sua avó acordou cedo e deparou com a neta toda arrumada, de uniforme do colégio, cabelo escovado, toda linda e... teclando. Havia uma fila de pedidos de amizade não aceita, que passou pelo crivo da avó. Sim, já havia tomado café – banana com granola e leite = e os dentes estavam impecáveis. E, sim, as tarefas haviam sido feitas, só faltava

estudar para a prova de língua portuguesa, coisa que foi cobrada a seguir pela mãe pelo telefone e, sim, ela estudou, um monte. A avó ainda está contando pra todo mundo...

Do resultado de algo tão simples e tão perigoso pode-se tirar algumas conclusões: a menina, assim como muitos de seus colegas e amigos, é filha única e necessita interagir e tagarelar e trocar; a novidade proporcionou aos pais uma preocupação a mais, mas viu a filha levantar mais cedo, tomar café e sentir necessidade de lancha no meio da manhã; deu a chance a eles de conversar sobre comportamento ético, sobre os perigos da internet, sobre delicadeza e respeito; constatou-se mais prontidão para os estudos; viu-se que a pouca habilidade para teclar com um só dedo – deu lugar a uma agilidade muito maior e com o uso de mais dedos, capacitando-a para outras tarefas.

Diante das ofertas que a tecnologia traz, cabe aos pais, não rechaçá-las, mas tomar as providências de segurança de que os filhos necessitam. Deixar crianças soltas diante do computador é como abandoná-las na rua à noite. A internet é lugar público e exige cuidados e um comportamento adequado, sem dar lugar à exposição exagerada, nem chance de que a inocência seja violada. Atenção e cuidado são pressupostos para quem cuida de crianças e amor e proteção são direitos inalienáveis de todas elas.

Data : 20/12/2013

Título : As lágrimas de Chicão na Academia Passo-Fundense de Letras

Categoria: Crônicas

Descrição: No dia onze deste mês realizamos uma Sessão Solene na Academia Passo-Fundense de Letras, cujo protocolo foi um dos mais ricos da gestão presidida por Osvandré Lech.

As lágrimas do Chicão na Academia Passo-Fundense de Letras

No dia onze deste mês realizamos uma Sessão Solene na Academia Passo-Fundense de Letras, cujo protocolo foi um dos mais ricos da gestão presidida por Osvandré Lech.

Empossamos cinco novos acadêmicos, que recebemos com a deferência que merecem por tratar-se de pessoas de uma estirpe que carrega em si o que uma academia de letras procura. São pensadores influentes, que já deixaram suas marcas nos seus ambientes e estão longe de encerrarem suas atuações. Pia Elena, Sonia, Fernando, Ivaldino e Tao estão empossados devidamente e iniciam uma jornada junto aos seus novos confrades.

Homenageamos com a Menção Honrosa “Francisco Antonino Xavier e Oliveira” várias pessoas e entidades, mas quero destacar uma, que levantou a plateia e provocou lágrimas de comoção em todos os presentes. O Sr. Valdelírio Nunes, mais conhecido como Chicão, recebeu a láurea chorando copiosamente. Suas lágrimas disseram da emoção em ser reconhecido por seu trabalho tão importante.

Acredito que os frequentadores de uma academia de letras e os acadêmicos que fazem parte dela são pessoas que promovem cultura, primam pela preservação da língua culta nacional e estimulam a formação de leitores e isso o Sr. Valdelírio também faz com muita propriedade.

É impressionante a tenacidade de um homem simples em preservar livros que as pessoas jogam fora e transformá-los em uma biblioteca de cerca de dois mil títulos. Essa biblioteca não é patrimônio pessoal de Chicão, mas de uma comunidade que faz dela o melhor uso. É na biblioteca que as pessoas se encontram e, aos poucos, trocando livros e experiências, constroem cidadania.

As lágrimas do homenageado têm endereço, que é o coração de todas as pessoas presentes à Academia Passo-Fundense de Letras, na sua Sessão Solene de encerramento do ano, entronização de novos acadêmicos e merecidas homenagens.

Chicão é um símbolo emocionante de alteridade, na sua mais linda representação. Os aplausos profusos disseram muito daquele momento. Nós todos gostamos de reverenciar quem merece. Nós todos sabemos reconhecer alguém que faz coisas significativas em favor dos outros.

No caso do Sr. Valdelírio a simbologia é dupla, por que ficou claro que ele cuida muito bem das pessoas e do meio ambiente, já que preside uma associação de catadores de materiais recicláveis.

Saímos da nossa sede plenos de sentimentos os mais nobres, rumo a um período de recesso e no aguardo de outra gestão que, pelo andar da carruagem, será um sucesso como a que está findando.

Data : 20/12/2013

Título : Criancinhas aprendem rápido

Categoria: Crônicas

Descrição: "(...) o fato da criança não ter tido lazer suficiente para desenvolver uma vida interior rica é o que faz com que ela pressione os pais para obter diversão, ou que ligue a TV.

Criancinhas aprendem rápido

"(...) o fato da criança não ter tido lazer suficiente para desenvolver uma vida interior rica é o que faz com que ela pressione os pais para obter diversão, ou que ligue a TV. Não é que o mau investimento dessa diversão produzida em massa ponha fora de circulação o bom investimento da riqueza interior; é que, à criança, não foi dada a oportunidade de criar sua própria moeda de uma vida interior rica." Bruno Bettelheim

Pus-me a pensar em como uma criança cria sua própria moeda de vida interior rica, enquanto observo as crianças com quem entro em contato. Convivo com meu netinho de dois anos e percebo seu desenvolvimento enquanto brincamos, conversamos, rimos, corremos e vemos TV. Os avós e os pais de crianças pequenas sabem o que representa o Discovery Kids na vida delas. É um canal que causa impacto.

Moramos em um lugar onde o inverno é muito rigoroso, o que dificulta o acesso às brincadeiras ao ar livre em boa parte do ano. Estou convicta de que muitos cuidadores de crianças usam a TV para entretê-las. As crianças Discovery Kids têm um linguajar muito parecido. Tratam todo mundo por você e não por tu, como seria o esperado por aqui, conhecem os números, as letras e as figuras geométricas desde bebês.

Enquanto assisto a programação, procuro por alguma sacanagem, alguma puxada de tapete por parte dos personagens, e nada. Tudo é correto, pacífico, bonito. Fico surpresa com o fato de que eu até acharia normal que coisas ruins acontecessem. Sou fruto de TV aberta, feita de forma a idiotizar quem a assiste e fiquei assim, meio idiota também. Somos sequelados, cuidando de crianças superinformadas, que precisam de nós para que consigam ter uma vida interior rica. Meu netinho brinca muito, fala muito, desenha, canta, toca vários "instrumentos" e se comunica de uma forma encantadora e articulada. Quando calha de o tempo estar bom, ele brinca lá fora, onde corre, chuta e faz todas aquelas coisas que deixam os joelhos lascados. Mas é quando ele volta para casa, toma banho, almoça ou janta que a vida interior torna-se rica ou não. Depende de quanto se conversa com ele, do colo, dos beijos e abraços com que ele pode contar. A riqueza interior depende também de haver alguém que leia para ele.

Crianças sabem brincar mesmo que não tenham brinquedos cabendo a nós estar por perto, ajudando-as a ler o mundo. Ler para crianças não significa somente ler livros, mas acompanhá-las na sua curiosidade, oferecendo-nos como veículo de felicidade, de alegria, de aprendizagem. Meu netinho ao nos visitar encontrou uma menininha na frente do elevador e ela reparou na camiseta que ele estava usando e falou: - Bob Esponja! E ele imediatamente olhou para a camiseta dela e disse: - My little pony! Dá para deduzir que duas crianças de dois anos, mesmo com todos os cuidados e recursos de que dispomos, já estão sendo devoradas por um mundo que massifica.

Ter uma vida interior rica é algo que dá trabalho e não estou falando sobre o nosso trabalho, mas ao trabalho que as crianças estão realizando para crescerem com saúde em todos os sentidos. Contando com nós!

Ano : 2015

Título : DE SONHOS, CANTORAS E DE VIDA BOA!

Categoria: Crônicas

Descrição: Pessoas da minha idade já sonharam muito! E continuam sonhando, por que, afinal, ainda estão vivas. Mas temos mais sonhos sonhados do que sonhos realizados e sonhos a realizar.

Pessoas da minha idade já sonharam muito! E continuam sonhando, por que, afinal, ainda estão vivas. Mas temos mais sonhos sonhados do que sonhos realizados e sonhos a realizar.

As pessoas que sabem de sonhos reconhecerão um dos meus. Sonhei ser crooner de orquestra, juro! Os bailes da minha vida tinham uma figura fascinante, na qual me imaginava. Ser cantora de bailes, usar vestidos brilhantes, embalar os casais enlaçados no afã de dançar, foi algo que sonhei viver. Não consegui por um motivo óbvio: não sei cantar!

Meu lugar predileto, exceto estar na pista de danças, era ficar voltada para a orquestra e observar o charme das cantoras, seu figurino, seu repertório. A parafernália que acompanhava a tarefa me intrigava, por compartilhar da angústia por virar páginas bem depressa, naquilo que me parecia um púlpito, sem ser. Um púlpito serve para pregar, para discursar, mas aquela geringonça metálica onde repousam partituras e letras de música servia para que eu ficasse ali, louca pra ajudar a virar páginas e não deixar que a cantora se perdesse.

Esta semana fui a um restaurante com música ao vivo. E lá estava uma moça linda, de jeans! Não senti nenhuma falta do vestido brilhante, mas aquele desejo de estar no lugar dela me assaltou mesmo assim. E ela, além de cantar e bem, tocava piano! E não se perdeu sequer um instante para virar páginas. Ela tinha à sua frente um aparelho eletrônico que identifiquei como um tablet. A parafernália do passado ficou reduzida a um retângulo e um fio conectado não sei no quê.

Súbito, percebi fascinada como sempre, que era hora de “virar a página” e, plic... com um dedinho ela subiu a tela e lá estava a continuação da partitura e da letra que executava. Paralisei! Agora, além de não ter voz, nem vestido brilhante, soube que não conseguiria operar aquela coisa mágica com a destreza da minha cantora.

Desisti de me sentir auto sabotada. Resolvi aproveitar! Voltei-me para minhas companhias, sem deixar de observar, às vezes, aquela figura tão linda, tão suave, que insistia em me distrair das conversas. Meu sonho de cantar em um palco não se realizou, mas realizei tantos outros.

Realizei até o que não sonhei! E ainda tenho tanto a sonhar e depois realizar!

Quero ter ainda muitos desejos, dentre os quais, o de ser convidada amiúde a frequentar ambientes alegres, onde haja conversas, risadas, música, comida boa, planos compartilhados. Hoje quero que todo mundo, inclusive eu, tenha um lindo dia de Páscoa, a fim de que pensemos todos na renovação da vida. Quero repensar tanta coisa, revalidar se for o caso, mas rejeitar tudo o que não seja adequado para a realização da vida boa. Por vida boa entendo estar com quem amo, mesmo que de longe. E, se de perto, que seja uma convivência alegre e cheia de carinho. Quanto a cantar, aproveito a Páscoa para cantar com as crianças: “Coelhinho da Páscoa, que trazes pra mim...”. Meus netos não estão nem aí para a qualidade da minha voz. Ufa! Ainda bem!

Data : 20/12/2013

Título : Pais presentes e pais ausentes

Categoria: Crônicas

Descrição: “Alguém pode mudar um modelo pobre ou insuficiente. Muito mais grave é não ter modelo”. Pedro Sinay

Pais presentes e pais ausentes

“Alguém pode mudar um modelo pobre ou insuficiente. Muito mais grave é não ter modelo”.
Pedro Sinay

Este é o momento de pensar sobre a nossa atuação como pais, em um mundo que nos arranca de casa, nos confisca o tempo e nos remete à busca por garantir um futuro que vemos absolutamente incerto.

Nunca os filhos ficaram tão sós. Somos uma geração de pais que têm sua atuação necessária demais, para ignorarmos o que estamos fazendo com nossas vidas. Nossos filhos têm que contar conosco, para que consigam ter parâmetros, uma base sólida e possam caminhar para sua autonomia. Mas não temos tempo para isso. Estamos contando com escolas de tempo integral, babás, avós, irmãos mais velhos, mas estamos esquecendo de contar conosco mesmos.

A frase em epígrafe remete-nos às perguntas que todos estamos nos fazendo, para que consigamos entender o nosso papel de pais. Afinal, o nosso papel tem que ser delimitado, definido, exercido. Ser pai e mãe não é tarefa transferível, nem negociável. Ou somos modelo, ou somos modelo. Não há educação neutra. Se educarmos e estivermos presentes marcamos a vida dos nossos filhos e se não fizermos nada marcamos também.

Sonegar das crianças o nosso tempo é um estrago irreparável. Ao termos filhos assumimos um novo patamar: somos responsáveis pelo desenvolvimento das crianças que sonhamos ter, ou que optamos por ter, ou que por um descuido, aconteceram. Somos responsáveis diretos, intransferíveis e insubstituíveis.

Todos sabemos que quase não existem mais pais que conseguem passar o dia todo em casa cuidando de suas crianças. Este fato coloca em nossos ombros um compromisso maior de fazermos escolhas que contemplem a convivência com elas, para que elas tenham modelos, para que tenham parâmetros.

Somos pais cansados, super exigidos e que serão avaliados daqui a alguns anos como uma geração limítrofe entre o que era seguro fazer e o que era possível fazer, dado as mudanças desenfreadas que o mundo sofria.

Solidarizo-me com os pais contemporâneos, que devem fazer tantas opções e que, esperemos, reservem o tempo necessário para seus rebentos. Em grande parte dos casos, hoje, para o rebento.

O senso comum nos diz há algum tempo, que não importa a quantidade de tempo que passamos com nossos filhos, mas a qualidade. Isso já esta sendo seriamente questionado, por que a presença física é fator determinante para o desenvolvimento saudável dos nossos filhos e filhas.

Data : 03/07/2019

Título : PEQUENEZAS!

Categoria: Crônicas

Cortaram uma pequena árvore na área comum do prédio onde moramos. O coto da arvorezinha ficou ali, inerte, por algum tempo. Quando de uma visita do meu neto Théo, perambulamos pelo pátio procurando pequenezas, louco que ele é por pedrinhas e coisas brilhantes que habitam o chão. Até que ele viu o Puti, Nome que deu à árvore morta. Tornamo-nos amigos, os três! Nossas histórias, nossos diálogos giraram por alguns dias em torno da morte da planta, coisa que Théo constatou vendo a degradação na ponta do corte, que foi se modificando de lisa, para algo meio descabelado. Ao perceber que a conversa sempre girava em torno de morte, percebi que o

questo finitude habitava a cabecinha do menino que, de árvores, começou a se referir à velhice dos avós e a possibilidade de perdê-los.

Com o tempo, após conversas com os pais e a intervenção de pessoas que têm contato cotidiano com ele, o menino foi elaborando seus receios, o que propiciou imenso aprendizado aos adultos sempre cheios de certezas, mas que, frente à nova criança, tão precoce e cheia de informações, começam a duvidar de suas verdades e da capacidade de satisfazer curiosidades infantis. Nada está sendo fácil de explicar! Nunca estivemos em saias-justas, como hoje!

Nas Feiras de Livros, percorremos estandes com as crianças e aprendemos com elas. Elas ouvem as histórias, metabolizam seus conteúdos, ponderam, perguntam, olham as ilustrações e manifestam seus desejos de tê-los. E, esses livros, após análise, são lidos várias vezes, são manuseados, ficam ali por dias. Conheci crianças que decoraram os conteúdos, mesmo sem saberem ler, de tanto que pediram para que os lessem. Imagino o aprendizado que um livro provoca nas cabecinhas infantis. E o quanto de responsabilidade o escritor tem com o que ele coloca à disposição da criança.

Creio que, por conta do momento em que vivemos, quando crianças têm contato com relatos de mortes por balas perdidas, assaltos, doenças exaustivamente relatadas perto delas, o medo do que é real as assalte. Na medida do possível, penso que devemos preservar a inocência, a confiança no mundo e ajudar a elaborar medos e emoções que as crianças têm cada vez mais precocemente. E isso a literatura traz, não lhes parece?

Portanto, aproveitemos para “viajar” para dentro dos livros com nossos pimpolhos. Deixemos que eles nos carreguem para o mundo da imaginação e da magia. Se o fizermos, nós os sabichões adultos, voltaremos à nossa própria infância, o que permitirá um encontro honesto com a infância que temos obrigação de cuidar e de preservar.

Que a Literatura cumpra o seu papel, que é o de construir subjetividades criativas e esperançosas. Que o livro tenha vida longa, por ajudar a elaborar o que Luciana Lhullier preconiza ser a necessidade de construirmos a nossa “Casa de Dentro”. Viva o Livro! Viva o peso de carregar sacolas com livros a mancheias! Vivam os avós, para que cumpram a tarefa de conversar e acolher os meninos e meninas que, como o Théó, vivem com intensidade suas enormes pequenezas!

Data : 20/12/2013

Título : Sobre a educação de crianças

Categoria: Crônicas

Descrição: Não me canso de observar a frustração das crianças, que “sofrem” os vários não que a educação exige.

Sobre a educação das crianças

Não me canso de observar a frustração das crianças, que “sofrem” os vários não que a educação exige. As frustrações acontecem de acordo com as idades em que vivem.

Olho uma pré-adolescente que tem uma louca vontade de viver tudo o que pode, em todos os momentos, com toda a intensidade. Ela compartilha da amizade de outras meninas que mostram o mesmíssimo comportamento. A saúde dessas meninas que observo é o principal motivo para que sejam frustradas em algumas coisas: tomar sol sem filtro solar não pode; entrar na água logo após o almoço não pode; comer doces o tempo todo não pode; quebrar horários pré-estabelecidos não pode; sair à rua sem companhia não pode; deixar de escovar os dentes não pode. Essa gama de proibições deve vir acompanhada de muitos sim, para contrabalançar: sim, você pode obedecer a tudo o que estamos estabelecendo; sim, nós sabemos do que você precisa; sim, manda quem pode e obedece quem tem juízo. Estou brincando (um pouco).

Olho também uma criança pequena que necessita de cuidados redobrados por ainda não conhecer os perigos do mundo que o cerca. Ele ainda não sabe que os adultos são autoridade natural, até pelo tamanho que têm. Ele não sabe que para nossa tranquilidade, gostamos de dizer não sem esperar resistência e ouve o dia todo por ordens incisivas. A criança pequena já ensaia os primeiros por quês, por ter noção de sua subjetividade. Essa noção é uma conquista importante, por que é fruto da constatação de que ela está separada da mãe, de que ela é um indivíduo. Isso é algo muito forte.

Vejo um bebê bem novinho que é frustrado quando fica afastado da mamãe, mesmo que por poucos minutos. Ele aprende a esperar pelo que necessita por já haver compreendido que aquelas pessoas que o rodeiam podem até demorar um pouquinho, mas logo o atenderão. Ele é frustrado quando levado solenemente ao próprio quarto de dormir, por que a cama dos pais é lugar de brincar e não de passar a noite toda.

A educação deve acontecer e não é algo para grandes eventos, mas para as pequenas coisas que fazem o dia a dia. No caso da pré-adolescente, há um exagero proposital, mas que retrata situações que estão longe de ser raridade. Uma criança de dez anos tem condições de compreender uma ordem acompanhada de explicações simples e amorosas. O autoritarismo consegue fazer com que ela queira transgredir. E ela questiona para ter certeza de que nossas determinações têm fundamento e de que temos certeza disso.

No caso do menininho, a questão é de segurança na maior parte do tempo. Nas questões menores, economizar não é a melhor política, para que não os gastemos com bobagens. Vamos precisar de um estoque muito grande de não mais tarde. Nossa tranquilidade nesta fase os faz tranquilos também.

O bebezinho vive um momento rico, quando realiza o maior trabalho de sua vida, que é o de aprender para a vida. Nos dois primeiros anos o bebê aprende um idioma e isso não é pouco. As restrições no caso dele devem estar ligados à sua segurança e o amor não pode ser economizado, sob pena de comprometermos seu pleno desenvolvimento.

Ouvi hoje, por parte de um especialista em desenvolvimento infantil, em um programa de TV, que crianças são dotadas de um radar infalível. Esse radar detecta a culpa dos pais. Pena que não vi de quem se tratava, mas me pus a pensar que a culpa dos pais mascara as boas intenções, a eficiência e a eficácia da atuação de adultos significativos para as crianças.

Sem certezas, sem maturidade, não se consegue dar um rumo à educação. As crianças necessitam de quem as ame e de quem lhes dê segurança. A culpa só atrapalha.

Data : 20/12/2013

Título : Sobre envelhecimento, infância e cuidado

Categoria: Crônicas

Descrição: Fabrício Carpinejar deixou-me profundamente comovida com uma crônica de domingo em ZH.

Sobre envelhecimento, infância e cuidado.

Fabrício Carpinejar deixou-me profundamente comovida com uma crônica de domingo em ZH. Revivi os anos de convivência íntima com meus pais, pelo fato de terem morado conosco até a morte. O assunto que ele levanta é das coisas mais delicadas que conheço.

Os adultos cuidam das duas pontas vulneráveis da trajetória humana: os velhos e as crianças. Não imagino algo mais importante de se fazer.

Fizemos isso ao mesmo tempo lá em casa. Nossas crianças conviveram estreitamente com os avós, viram-nos participar da nossa grande mesa, viram o processo de envelhecimento acontecer devagar, mas de forma inexorável. Já nossos velhos alegraram-se com os

nascimentos, os choros, as traquinagens, os progressos e, garanto, tudo aconteceu como devia, exceto o sofrimento que acompanhou minha mãe durante anos.

É preciso coragem para viver de verdade, por que viver de verdade traz um monte de responsabilidades. Esta contingência não aceita desculpas e não perdoa omissões. A vida cobra cedo ou tarde e devolve tudo com generosidade. É difícil conseguir ser feliz sem cumprir o que nos cabe.

Para que consigamos dar conta de tanta coisa, contamos com a tecnologia, que fornece fraldas maravilhosas, escolas bem equipadas e dentro delas as cuidadoras e professoras fazem tudo para o conforto e o desenvolvimento das nossas crianças. Contamos também com fraldas geriátricas e instituições modelo e dentro delas cuidadores especializados em proporcionar bem estar aos idosos. As fraldas são itens importantes, no começo e no fim, no geral.

Levar nossas crianças a frequentar escolinhas é um imperativo hoje em dia, dado a ausência dos pais o dia inteiro. Levar nossos velhos a morar em lares para idosos pode parecer crueldade, mas não é. Crueldade é não dar as condições necessárias para o cuidado adequado.

As escolas não são depósitos de crianças, nem as casas para idosos são depósitos de velhos. Necessitar de socorro não pressupõe abandono nem desinteresse. Abandono é pensar que estranhos podem tomar nosso lugar.

Nós somos insubstituíveis, por que carregamos conosco todo o potencial de cuidado amoroso de que os nossos pais e filhos necessitam. Precisar de ajuda não é falta de amor. E falar sobre isso é necessário.

Data : 20/12/2013

Título : Solidariedade entre mulheres

Categoria: Crônicas

Descrição: Nos últimos dias tenho observado mais atentamente o dia-a-dia de muitas mães. Às vezes acompanho a saída do meu neto da escolinha, o que me permite vê-las e ouvi-las.

Solidariedade entre mulheres!

Nos últimos dias tenho observado mais atentamente o dia-a-dia de muitas mães. Às vezes acompanho a saída do meu neto da escolinha, o que me permite vê-las e ouvi-las. São mulheres expostas a uma vida que, há bem pouco tempo, seria inviável. Cuidar de crianças é trabalho árduo, embora prazeroso, isso dito por todas as mães, evidenciando que no quesito amor, não mudamos nada.

Essas mulheres atendem a múltiplos interesses, enfrentam um trânsito insano, são movidas pela responsabilidade de uma profissão, pela casa que cuidam com esmero, por uma relação amorosa que também demanda um aporte emocional enorme e, legitimamente, procuram ser felizes e participantes de uma sociedade que ainda não sabe muito bem cuidar delas.

Solidarizo-me com essas quase meninas, mães, profissionais, donas de casa, que estão fazendo a vida pós moderna, ou ultra moderna. Não sei se as pessoas da minha idade conseguiriam desempenhar tão bem o que elas fazem. Além do mais elas inauguram uma modalidade familiar que também não conhecemos ainda: elas têm geralmente só um filho.

Em um programa produzido a partir da ECO 90 apresentado na TV FUTURA, mostraram alguns jovens que os jornalistas acompanharam desde a época. As filmagens do nascimento, da primeira infância, da adolescência e de adultos mostram que as fórmulas tradicionais não são as únicas capazes de resultados educacionais e humanos satisfatórios e que, em meio às adversidades, à violência, à fome, à solidão, gravitam pessoas cujos filhos conseguem sobreviver com dignidade. O principal foi constatar que as crianças têm uma incrível

capacidade de resiliência e que o amor dos filhos pelos pais e dos pais para com os filhos está incólume.

Solidarizo-me com os que sabem ser este o único lugar que temos para viver e que este deve ser arranjado da melhor forma, mesmo que adverso. Concorrido e assustador e cuidam dos seus com tanto carinho.

Solidarizo-me, principalmente, com as mães que vivem situações limite, a exemplo do fato tão insólito quando um bebê foi esquecido dentro do carro. Imagino o horror ao verificar que, mesmo tomando todos os cuidados do mundo, podem ocorrer lapsos graves, causados pela correria insana em que estamos metidos. A solidariedade deve ser a tônica dos que falam sobre o assunto, dos que lidam com o assunto e dos que têm contato com a família que sofreu tamanho trauma.

Solidarizo-me também com as vovós, que gostariam de ver suas filhas e noras um pouco menos atarefadas, mas que compreendem e ajudam quando podem, sem pensar que o certo está com elas, que o certo só acontecia como na música que Angela Maria cantava: "são casas simples, com cadeiras na calçada, e na fachada escrito em cima que é um lar...", pois esse mundo só acontece de vez em quando, muito de vez em quando.

Enquanto isso, continuamos mulheres do mesmo jeito de antes, as crianças nascem do mesmo jeito de antes. O que necessitamos é aprender todos os dias novas formas de nos cuidarmos uns dos outros.

Data : 20/12/2013

Título : Um encontro e tanto!

Categoria: Crônicas

Descrição: Encarregaram-me de organizar o encontro da Turma de Formandos do Instituto Educacional de 1968. Era a minha turma formada por trinta e oito pessoas.

Um encontro e tanto!

Encarregaram-me de organizar o encontro da Turma de Formandos do Instituto Educacional de 1968. Era a minha turma formada por trinta e oito pessoas. Compareceram ao encontro quinze deles, só!

Começamos a façanha por uma conversa entre o Zilmar Gabriel e eu, falando da saudade que sentíamos. Daí a organizar tudo foi um passo! A dificuldade foi lidar com a resistência dos sessentões em aderir à internet. Primeiro procuramos pelos nomes nas redes sociais, onde encontramos principalmente as meninas e alguns meninos. Trocamos fotos de uma forma impensada há alguns anos, em uma velocidade incrível. Alguns custaram a acreditar.

O desejo de realizar o encontro estava instalado. Passamos a procurar os que não constavam das redes sociais e, aos poucos, as pessoas foram aparecendo. De muitos lugares do Brasil. Encontramos colegas doentes, outros soubemos mortos, outros não se interessaram, mas os que alcançamos, esses sim, aceitaram com entusiasmo. Criamos uma página secreta no facebook, só para a turma, onde combinamos tudo, tudo.

Encontrar locais para conversarmos foi coisa rápida também. Encontramo-nos em um bar à noite e em um sítio no outro dia.

Fomos o Domingo e eu bem mais cedo ao bar e, confesso, eu temia não reconhecer os colegas que não via há 45 anos. Aí concluímos que a gente procuraria por cabelos brancos, bengalas e afins. Eis que começaram a surgir os sexagenários e alguns septuagenários. As meninas todas lindas, lépidas, sorrindo e mostrando uma jovialidade maravilhosa. Os meninos todos senhores fortes, saudáveis, alguns meio barrigudos, mas todos muito bem postos. Não lembro de ver alguém dizer que não podia comer e beber isso ou aquilo. Todos perfeitamente bem.

Logo a algazarra estava formada. Os garçons olhavam para mim em desespero, por que os meus amigos não saíam do corredor e as amigas não falavam baixo de jeito nenhum. Aos poucos fomos nos acalmando e pude olhar por cima da mesa e reconhecer uma por uma daquelas fisionomias. Trocamos fotos, flâmulas, bíblias autografadas pelo professor Otto Gustavo Otto, convites originais de formatura.

O que me emocionou foi constatar que fomos uma juventude que amadureceu muito cedo, que trabalhou muito, conquistou tudo com dificuldade, conseguiu filhos e filhas muito bem sucedidos e está envelhecendo com qualidade graças à tecnologia, que conserta algumas coisinhas que o tempo teima em estragar em nós.

A despedida foi feita de promessas de um novo dia como aquele, dessa vez mais pretencioso. Escolhemos uma praia e já estamos providenciando as sungas e biquínis. Trocamos algumas dicas de emagrecimento rápido também. Mas vamos perguntar ao geriatra se pode.

Data : 01/02/2014

Título : Um encontro pra lá de interessante

Categoria: Crônicas

Descrição: Combinamos um encontro Vanderlei e eu esta semana. Ele chegou ao shopping um pouco antes da hora. E eu bem na hora.

Um encontro pra lá de interessante

Combinamos um encontro Vanderlei e eu esta semana. Ele chegou ao shopping um pouco antes da hora. E eu bem na hora. Ele trouxe consigo a sua limitação e eu a minha. São situações completamente diferentes, mas que nos aproximam.

Ele queria conversar sobre a vida e eu queria ouvir. Primeiro contou o que o impulsionou a mergulhar na vida e chamou a isso de Lízia. O que Lízia fez com Vanderlei, é algo gigantesco. Ele amou Lízia e esse amor despertou o homem adormecido em suas circunstâncias.

Eu queria ouvir e estava preparada para uma conversa difícil, por conhecer as dificuldades de Vanderlei. Assustei-me com a desenvoltura, entusiasmo, conversa solta, articulada. Meu susto foi transformando-se em admiração ao ouvir os planos de alguém sentado em uma cadeira de rodas, espástico. Os movimentos involuntários já não eram os mesmos que observei há uns três anos. Tornaram-se mais enfáticos, mais significativos.

O efeito Lízia está em pleno curso! Os projetos de vida de Vanderlei impressionam. Sua percepção de si é algo de uma generosidade que não se compara a nada. Nunca encontrei nele um resquício de autocomiseração. Agora muito menos! Ele se sabe bonito, inteligente, preparado, embora fisicamente limitado. Está apaixonado pela vida. E pelo que ele aprendeu que pode fazer. Ele está pronto para viver um grande amor e isto é o mais lindo!

Fui pra casa pensando nele e em mim. Vanderlei teve a sua Lizia, que foi sua catapulta, eu devo ter tido também. Vanderlei convive com sua limitação e eu também. Tenho sessenta e seis anos e muitos planos, o que me faz pensar que preciso de muito futuro para viver. Mas este futuro quero com qualidade, assim como Vanderlei aprendeu a querer. Meu futuro deve ter projetos, utopias, intensidade.

Vanderlei e eu descobrimos que somos pessoas intensas, somos ansiosos. Chegamos a conclusão de que nossa ansiedade deve-se ao trabalho que temos para viver nossos sonhos. Ele os vive sentado e eu com o cansaço inerente aos meus felizes sessenta e seis anos.

A minha Lízia deve ser múltipla, por que não consigo determinar qual foi a catapulta impulsionadora da minha vida. Ainda vão aparecer Lízias para mim, imagina para o Vanderlei, quantas hão de se apresentar, vestidas de gala.

